

Somos daqui.

Cabeças à (des)coberta.

Desde tempos imemoriais que o Homem utiliza elementos de vestuário para cobrir a cabeça. Por razões de simples adorno, ou de complemento do vestuário, por questões práticas perante as vicissitudes do clima, até outras que resultavam de práticas mágico/religiosas, os homens e mulheres de todo o mundo e de todas as épocas cobriram a cabeça, resultando daí uma quantidade, qualidade e diversidade entre as várias formas de cobrir e/ou adornar a cabeça.

Desde os elmos dos guerreiros aos véus das mulheres, desde as mitras aos quipás, desde os lenços aos saris, desde os chapéus às capelines, até chegarmos ao barrete negro, elemento caracterizador do homem saloio, ponto de partida desta exposição onde queremos homenagear os saloios e, ao mesmo tempo, realçar a diversidade comunitária de Loures, mostramos vários objetos que serviam e servem, exatamente, para cobrir a cabeça. Juntámos algumas peças que podem exemplificar essa necessidade dentro dos vários contextos em que a mesma surgia. Barretes, chapéus e lenços utilizados pelas saloias e pelos saloios, mas igualmente aqueles usados pelos minhotos que aqui se estabeleceram, ou pela comunidade da Mina de São Domingos que para aqui veio viver, bem como de várias comunidades, não originalmente portuguesas, que em Loures encontraram um local de acolhimento. Desde logo, aquelas que vieram das antigas colónias, até a outras provenientes de latitudes mais longínquas, como a Índia, passando por aquelas que sempre por aqui estiveram, como os ciganos.

São, assim, um conjunto de adornos/adereços de cabeça que vos trazemos aqui, como forma de exemplificar diferenças e diversidades que, hoje, vivem em conjunto, convivem numa harmonia que permite, respeitando a diferença, comungar objetivos partilhados que são do comum interesse de todos e para todos.

Loures, terra de saloios, já há muitos anos que se tornou também terra de acolhimento, de chegada e convivalidade, de gentes de muitos outros territórios, migrantes e imigrantes. Gente que veio para perto da grande cidade e por aqui se fixou, gente que veio de muitas partes do mundo, quer do luso falante, quer de outros lados. Gente que trouxe um pouco da sua cultura consigo, gente que se misturou, se miscigenou, se tornou própria deste território, se tornou de Loures. Terra que, agora, não é só saloia, é mundana, é cosmopolita, é de todas as cores e credos. Que é da gente de cá e de lá, que se uniu nesta diversidade que lhe dá novos traços e novos tons, mas que mantém nesta unidade, através de uma variedade cultural que a torna mais própria de todos os que a escolheram para viver e que partilham esta multiculturalidade, que permanece e se tornou de todos nós.

Em Loures vive-se esta diversidade que permite unir vontades, querereres e vivências.

Em Loures é esta diversidade que nos une.